

A "Constelação Japonesa": diversidade [e unidade] na arquitetura contemporânea

Simone Neiva



Simone Neiva é arquiteta, professora e pesquisadora nas áreas de Arquitetura, Urbanismo e Artes. Doutora em Arquitetura e Urbanismo (USP/2010), com Pós-Doutorado em Arquitetura (Mackenzie/2013), Mestrado em Arquitetura (Universidade de Tóquio, Japão/2003), Mestrado em Artes (Ufes/2019), Especialização em História da Arte e da Arquitetura (PUC-Rio/2000) e Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Ufes/1994). *Fellow* pela Fundação Japão em Tóquio (2005-2006). Consultora Unesco (2007). Professora dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação da Universidade Vila Velha (2011-2021). Atualmente é pesquisadora dos grupos SCP-Sistemas Contemporâneos de Projeto (UVV) e Arte e Teoria (Ufes). Membro do Núcleo Patrimônio Cultural do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Espírito Santo - CAU/ES. Membro ICOMOS – International Council of Monuments and Sites/ES.

E-mail: simoneiva@gmail.com

Resumo

Em 2016, o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, o MoMA, exhibe a exposição *Japanese Constellation* como contraponto ao *starchitects system*, surgido nos anos 1980. Esse ensaio apresenta um panorama dos arquitetos que compõem a Constelação Japonesa, traça um breve histórico de seus antecessores e introduz alguns de seus conceitos e obras. O objetivo é contribuir para a ampliação do repertório teórico e crítico referente à arquitetura contemporânea japonesa. Ao final, apresentamos como contribuição ao debate a ideia da existência de pressupostos comuns que alinhavam a diversidade da produção desse grupo de arquitetos.

Palavras-chave

Constelação Japonesa; arquitetura contemporânea; diversidade.

A "Constelação Japonesa": diversidade [e unidade] na arquitetura contemporânea

O desenvolvimento de uma influente mídia global, a adoção de uma política neoconservadora e a entrada da economia de livre mercado no mundo da arquitetura a partir da década de 1980 convergiram para a formação do denominado *starchitects system* ou sistema estelar de arquitetos. O termo refere-se a um sistema formado por arquitetos reconhecidos e exaltados em todo o mundo. Se por um lado, não se pode negar o talento, os anos dedicados ao ofício e a excelência da técnica alcançada por arquitetos de fama mundial como Frank Gehry, Zaha Hadid ou Norman Foster, por outro lado, nas últimas décadas, cresceram as críticas ao individualismo e à indiferença desses arquitetos aos valores locais das distintas partes do globo onde estão inseridas suas obras. Segundo alguns críticos, os *starchitects* estariam demasiadamente preocupados com seu estatuto, a iconicidade, a plasticidade e a sensualidade de seus edifícios [1] [2].

Como contraponto ao sistema estelar de arquitetos, em 2016, o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque exibe a exposição *Japanese Constellation*, na qual apresenta o trabalho de uma seleção de arquitetos composta por Toyo Ito e seus herdeiros intelectuais Kazuyo Sejima, Ryue Nishizawa, Sou Fujimoto e Akihisa Hirata e Junya Ishigami. Para os curadores do MoMA, a constelação de arquitetos que atualmente domina a arquitetura no Japão se diferenciaria do sistema estelar pelo desejo de impactar socialmente, o que substitui o individualismo característico entre os arquitetos ocidentais. Além disso, tais arquitetos apoiam-se mutuamente, entre gerações, observando a tradição japonesa, que valoriza o respeito mútuo entre mestre e discípulo. São estrelas individuais, mas também "se organizam como um grupamento de estrelas – uma constelação – na qual possuem um valor maior do que a soma das partes" [3].

Mas como tais partes aparentemente tão diferentes, ou seja, arquitetos com produção tão diversificada, se unem numa mesma "constelação"? Quem são os arquitetos que os antecederam? Este ensaio apresenta um panorama dos arquitetos que compõem a denominada Constelação Japonesa, traça um breve histórico de seus antecessores e introduz alguns de seus conceitos e obras. Ao final, apresentamos como contribuição ao debate a ideia de pressupostos comuns que atravessam a diversidade da produção desse grupo de arquitetos, cada vez mais influentes na arena global.

Antes da Constelação

No início do século XX, a arquitetura japonesa fascinou grandes arquitetos modernistas como Frank Lloyd Wright, Walter Gropius e Bruno Taut, ao oferecer um recurso estético refinado. Entretanto, algumas décadas mais tarde, foram os arquitetos japoneses que buscaram na cultura ocidental a inspiração para lidar com as mudanças tecnológicas e sociais impostas pela Revolução Industrial. No final de 1920, alguns arquitetos japoneses se deslocaram para a Alemanha para estudar na prestigiosa Bauhaus, enquanto outros, como Kunio Mayekawa e Junzo Sakakura, trabalharam para Le Corbusier em Paris [4]. Esses arquitetos trariam para seu país o interesse pelo uso do concreto aparente, por espaços funcionais e pelo planejamento das cidades. Com o passar do tempo, o aprendizado de novas técnicas, associadas de maneira particular à tradição local, deram origem a expressões próprias para atender ao anseio de modernização do Japão.

Nos anos que seguiram à II Guerra Mundial, sobretudo durante a década de 1960, com o surgimento de grandes empresas de construção, os arquitetos do Movimento Metabolista¹ e figuras como Kenzo Tange e Arata Isozaki constroem edifícios notáveis e ganham proeminência tanto local quanto internacional [5]. Entre as ideias principais desses arquitetos estavam: o sentido de continuidade da tradição e sua fusão com os avanços tecnológicos; a visão da arquitetura e da cidade como organismo vivo em constante mutação; e o uso de megaestruturas. Um dos projetos icônicos desse período é a *Nakagin Capsule Tower* (1972) (Fig. 1) em Shimbashi, Tóquio, projetada por Kisho Kurokawa, com o propósito de ser facilmente regenerada pela substituição e adição de suas unidades capsulares. Outro destaque é o projeto para a Baía de Tóquio (1960), de Kenzo Tange, no qual a estrutura da cidade, o sistema de transporte e a arquitetura urbana seriam vinculadas em uma unidade orgânica, aberta ao crescimento. Ambos os projetos exibem forte ímpeto de vanguarda e elevado grau de experimentação – atitudes que, décadas mais tarde, serão vitais para o desenvolvimento da arquitetura contemporânea.



Figura 1. Nakagin Capsule Tower (1972). Torre / detalhe da cápsula.
Fonte 1a: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Nakagin_Capsule_Tower_2008.jpg.
Fonte 1b: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Nakagin_Capsule_Tower_20071012-08.jpg.
Autor: Wiii (2018)

O período conhecido como *Bubble Economy*, de 1986 a 1990, gera uma atividade econômica superaquecida e acelera os preços no mercado japonês. O Japão havia se tornado uma das maiores economias mundiais e se mostra como um cenário fértil para o financiamento de experimentações arquitetônicas impensáveis na Europa. Segundo Bognar, "a combinação do milagre econômico com o Movimento Metabolista estabeleceu a reputação de que no Japão era possível construir virtualmente qualquer coisa" [6]. Aos arquitetos japoneses foram permitidas ousadias quase ilimitadas nas criações. Esse contexto favoreceu o surgimento de um pós-modernismo local alinhado aos padrões mundiais [7]. Nasce uma arquitetura japonesa esteticamente diversificada e em sintonia com as mudanças tecnológicas mais avançadas.

Na década de 1990, circunstâncias como a explosão da informação, o aumento do consumo e a intensificação da cultura urbana japonesa fazem da cidade de Tóquio uma espécie de *playground* das grandes estrelas da arquitetura mundial para suas experiências arquitetônicas. Tóquio recebe edifícios emblemáticos de arquitetos como Norman Foster, Renzo Piano e Peter Eisenman, entre outros. Ao mesmo tempo, a influência da arquitetura japonesa no Ocidente é novamente reconhecida. Em menos de uma década, o Prêmio Pritzker de Arquitetura, a mais alta honraria da profissão, é entregue aos arquitetos Kenzo Tange, em 1987, Fumihiko Maki, em 1993 e Tadao Ando, em 1995. A premiação confirma a marca indelével do Japão na arquitetura modernista do século XX, antes quase exclusivamente americana e europeia.

¹ Kiyonori Kikutake, Kisho Kurokawa, Masato Ōtaka e Fumihiko Maki.

No século XXI, outra vez os arquitetos japoneses serão aclamados internacionalmente. Arquitetos como Kengo Kuma e Shigeru Ban, cada um a seu modo, explorarão temas como a reinterpretação da tradição, o respeito ao contexto natural e o desenho de uma arquitetura mais sustentável. Em 2014, Shigeru Ban recebe o Pritzker por sua "habilidade em aplicar conhecimentos convencionais em diferentes contextos" [8] e em 2016, Kuma é agraciado com o prêmio Global Award for Sustainable Architecture. Nesse mesmo ano, o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque exibe a exposição *Japanese Constellation*, com o trabalho de uma seleção de arquitetos constituída por Toyo Ito, Kazuyo Sejima, Ryue Nishizawa, Sou Fujimoto, Akihisa Hirata e Junya Ishigami. A instituição justifica o recorte temático afirmando que esses arquitetos estariam "ligados por uma linha de descendência que forma um sistema de aprendizagem e patrocínio essencial para garantir o avanço da arquitetura japonesa no mundo"[9]. Mas quem são esses arquitetos? Como pensam? Como se unem em uma constelação a partir de obras tão diversas?

As estrelas da constelação

Toyo Ito: experiências com arquitetura, pessoas, natureza e tecnologia

Considerado o mentor da Constelação Japonesa, Toyo Ito opera como um elo entre duas das mais importantes gerações de arquitetos do Japão. Como intelectual, logo compreende a importância do caráter teórico da arquitetura a partir do contato direto com os arquitetos da geração anterior, como Kenzo Tange, Arata Isozaki, Kazuo Shinohara, Kisho Kurokawa e Kiyonori Kikutake. Sua produção teórica demonstra interesses variados, como a relação entre arquitetura e natureza, a articulação entre linguagem arquitetônica e sociedade da informação, a participação de usuários no processo do design e estudos sobre "teoria da relatividade e a topologia" [10].

Em 1971, monta o escritório de arquitetura Urban Robot, em Tóquio. Nesse momento as ideias assimiladas, em especial do metabolista Kikutake, sobre a "fusão de novas tecnologias, vida urbana e natureza" [11] e sobre a arquitetura como "experiência física tangível", que deve ser projetada para todo o corpo [12], são decisivas para a concepção de sua própria arquitetura. Ito inicia a carreira com a *White U House* (1976) (Fig. 2), no centro de Tóquio. Uma casa para abrigar a irmã durante um período de luto. Nela Ito experimenta a aproximação com a natureza por meio de uma nova luminosidade. As aberturas são voltadas para o chão e para um jardim de inverno. A exploração da luz natural também encontra lugar em *Silver Hut* (1984), sua residência. Nela Ito busca conectar os espaços ao céu. Em seus primeiros projetos estão implícitas a rejeição pelo caos urbano e a construção de abrigos para introspecção e reconexão com elementos da natureza.



Figura 2. White U House (2000). Vista superior / Interior com janela para o pátio.

Fonte 2a:

<https://www.flickr.com/photos/ibssr/9416118936/in/photolist-WDcjkj-XQVwqw-XGLKWk-cdjzC-fm557d-fm6Rvw-2iw>

6Ywp-fm7p8s-fm4opW-fkQF6c-fkQqMr-fm4yfy-fkNMgZ-fm7xc3-fkQVKM-fm83wh-bxNaaN// Fonte 2b:

<https://www.flickr.com/photos/ibssr/9413505049/in/photolist-WDcjkj-XQVwqw-XGLKWk-cdjzC-fm557d-fm6Rvw-2iw>

6Ywp-fm7p8s-fm4opW-fkQF6c-fkQqMr-fm4yfy-fkNMgZ-fm7xc3-fkQVKM-fm83wh-bxNaaN//

2 Trata-se de um sistema construtivo, criado entre 1914 e 1917 pelo arquiteto franco-suíço Le Corbusier, constituído por lajes planas, pilares e fundações de concreto armado, que propõe uma ordem racional entre os elementos.

Em 1990, no projeto para a Mediateca de Sendai (2001) (Fig. 3), o arquiteto intensifica suas reflexões sobre a importância da relação entre pessoas e a natureza por meio do espaço. O projeto rompe definitivamente com as tradições arquitetônicas do modernismo ortodoxo. A Mediateca é pioneira na integração entre estrutura e forma na arquitetura. Nela, Ito transforma os elementos do sistema estrutural Dominó, de Le Corbusier², feito originalmente de concreto, numa estrutura mais leve, formada por placas (pisos), tubos (colunas) e pele (paredes externas). Os pisos da Mediateca são placas alveoladas de aço e permitem um vão muito mais amplo do que o concreto. Os tubos, por sua vez, mimetizam a estrutura de uma árvore e penetram as placas, formando poeticamente uma floresta, além de, por serem vazados, permitirem a comunicação visual entre os pavimentos. O espaço praticamente não contém barreiras físicas, oferecendo aos usuários maior liberdade de uso.



Figura 3. Mediateca de Sendai (2000). Fachada principal / Detalhe com tubo.
Fonte 3a: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/14/Sendai_Mediatheque_2009.jpg.
Fonte 3b: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sendai_Mediatheque_2020_2.jpg.
Autores: Scarletgreen (2009)/Ymblanter (2020)

Embora a Mediateca de Sendai apareça como ápice das investigações de Ito, desde o final do período da Bolha Econômica o arquiteto já havia percebido a importância da experimentação na Arquitetura. Consciente das intensas transformações socioeconômicas em curso, o arquiteto compreende que somente uma arquitetura "vibrante e estimulante" [13] sobreviveria à intensidade dos processos de produção e consumo em massa. Conscientemente, o arquiteto cria uma arquitetura com base em teorias, investigações e experimentos. Uma arquitetura sintonizada com a natureza, a diversidade da pós-modernidade, o fluxo acelerado de informações e as tecnologias digitais, ao mesmo tempo comprometida eticamente com as necessidades sociais emergentes. Em 2013 Ito é agraciado com o prêmio Pritzker por sua produção arquitetônica e intelectual, de acordo com a qual as gerações seguintes poderão experimentar ainda mais radicalmente suas próprias visões, como veremos a seguir.

Kazuyo Sejima/ Ryue Nishizawa/ SANAA: das formas básicas à geometria complexa

Em 1981, no auge do boom econômico, após a graduação pela Japan Woman's University, Kazuyo Sejima trabalha no escritório de Toyo Ito. Em 1987, deixa o escritório de Ito para iniciar a Kazuyo Sejima & Associates. Em 1995, em parceria com Ryue Nishizawa (graduado pela Yokohama National University, em 1990), funda a Sejima and Nishizawa and Architects – SANAA. Contudo, enquanto trabalham conjuntamente como SANAA em comissões maiores, Sejima e Nishizawa mantêm escritórios particulares.

Em 2004, Sejima conquista o Gold Lion pela Direção do Setor de Arquitetura da 12ª Bienal de Veneza, com o tema "As pessoas se encontram na Arquitetura". Em 2010, o escritório SANAA recebe o Prêmio Pritzker pela abordagem inovadora da Arquitetura.

Três serão as influências determinantes nos ideais do SANAA: o modernismo, em especial as teorias de Mies Van der Rohe sobre uma arquitetura de elementos essenciais; a arquitetura expressiva de Kazuo Shinohara; e as ideias de Toyo Ito sobre a experimentação constante e a importância da relação entre arquitetura, pessoas e natureza. Ao longo do tempo, Kazuyo Sejima e Ryue Nishizawa desenvolvem processos próprios e recorrem ao diagrama para relacionar as atividades com os espaços [14]. A ferramenta permite maior abstração no momento da criação. Além disso, os arquitetos do SANAA desafiam os princípios convencionais da Arquitetura, exploram o uso dos materiais e constantemente experimentam formas inusitadas. As características mais evidentes de sua arquitetura são a "simplicidade, a austeridade formal e a pureza geométrica" [15].

Nos primeiros anos de carreira, o SANAA trabalha com formas mais retangulares e faz experimentação com estrutura e planta empenadas. Mas ao longo dos anos, sua arquitetura alcança um nível impressionante de liberdade formal. As deformações às quais os projetos são submetidos variam. Podem ser ousadas, como para o Museu Mercedes-Benz (não construído); leves, como o Terminal Marítimo de Naoshima (2003-2006); e radicais, como o *Rolex Learning Center* (2005-2010) (Fig. 4). Neste último, um centro de estudos na Suíça, a arquitetura é constituída por uma imensa laje de fundação esculpida em concreto armado com forma ondulada e perfurada por uma série de pátios. A experiência física no interior do edifício é intensificada pela topografia de montes, declives e vales que movimentam o piso constantemente. Assim, a percepção do horizonte é constantemente alterada ao caminhar. A experiência privilegia a descoberta inesperada e o prazer sensorial dos usuários.



Figura 4. Rolex Learning Center (2005-2010). Vista aérea / fachada com laje ondulada.
Fonte 4a: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rolex_Learning_Center_07-2009.jpg.
Fonte 4b: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rolex_Learning_center.jpg.
Autores: Eptif Alain Herzog (2009)/Mikado (2009)

A planta circular também é explorada pelo SANAA. Sobretudo, como modo de se contrapor às plantas regulares e inaugurar modos de limitar ou conectar os espaços. Em 1992, na *Forest Villa*, na China, o círculo compõe a planta de uma casa pequena com pátio. A escolha do círculo possibilitou a vista para as distintas orientações na apreciação da paisagem circundante. O círculo também marca o projeto para o Museu de Arte Contemporânea do Século XXI (1999-2004), localizado em Kanzawa (Fig. 5). Segundo os arquitetos, seu uso recorrente justifica-se por ser uma "forma contínua sem nenhuma articulação" o que daria "resposta uniforme aos diferentes estímulos do seu entorno" [16]. Em Kanagawa, a forma circular permite a relação imediata entre exterior e exterior.



Figura 5. Museu de Kanazawa (1999-2004). Vista aérea / relação interior e exterior.
Fonte 5a: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Interior,_21st_Century_Museum_of_Contemporary_Art.jpg
Fonte 5b: Google maps (2021).

Ao longo dos anos, o SANAA passa das formas básicas para uma geometria mais livre e complexa, como, por exemplo, as formas ameboides. Essa evolução formal está associada à criação de camadas espaciais, através de materiais como vidro ou acrílico (transparentes, translúcidos ou reflexivos). Para a criação de uma série de camadas espaciais verticais, os arquitetos aplicam recursos como "superfícies transparentes próximas e paralelas, curvatura das paredes nos cantos, curvatura ondulada de toda a superfície circundante, etc" [17]. A criação de sobreposições visuais sucessivas gera reflexos e opacidades inesperadas que contribuem decisivamente para a complexidade dos chamados "efeitos atmosféricos", marcantes na arquitetura do SANAA. As sobreposições de planos verticais visam intensificar a experiência espacial do usuário e, por vezes, atinge a transcendência, como observado no pavilhão de vidro no *Toledo Museum of Art* (2001-2006).

Sou Fujimoto: cinco qualidades formais

Sou Fujimoto ainda era estudante quando Sejima iniciou a prática da profissão. Graduado em Arquitetura pela Faculdade de Engenharia da Universidade de Tóquio em 1994, abre o atelier Sou Fujimoto Arquitetos em 2000 e torna-se presença capital na cena arquitetônica japonesa.

Fujimoto lança em 2008 o manifesto "Futuro Primitivo" [18], no qual expõe os dez pontos³ de partida para sua obra. A arquitetura que surge desses pontos é diversa, mas demonstra consistência formal. Sou Fujimoto também menciona em seu trabalho cinco qualidades formais: "relações, contingência, ambiguidades, recorrências e complexidade" [19], as quais determinam conceitualmente todos os seus trabalhos.

Para ilustrar o que Fujimoto denomina "arquitetura de relações", o arquiteto constrói um paralelo entre o pentagrama utilizado para compor música e a retícula moderna para compor arquitetura. Analogicamente, "se o pentagrama é retirado e as notas permanecem, haverá um novo modo de compreender a música" [20]. Livres, as notas podem estabelecer novas relações sem interferência de um elemento ordenador. A arquitetura de Fujimoto seria uma espécie de música sem pentagrama. Um exemplo é o Centro Infantil de Reabilitação Psiquiátrica (2003), em Hokkaido, composto por cubos brancos, quase todos do mesmo tamanho, que parecem espalhados ao acaso, acidentalmente.

A ideia de "contingência" também fez parte do manifesto de Fujimoto. Contingência como "um modo de ocupação não planejado, inconsciente, que parte de nossa essência primitiva animal" [21]. Para Fujimoto a natureza proporciona modelos para pensar arquitetura. A *House N* (2006-08) (Fig. 6) e o Pavilhão Serpentine (2013) são exemplos da aplicação dessa ideia. Nesses espaços o natural e o artificial se unem, e o modo de ocupação cabe aos ocupantes.

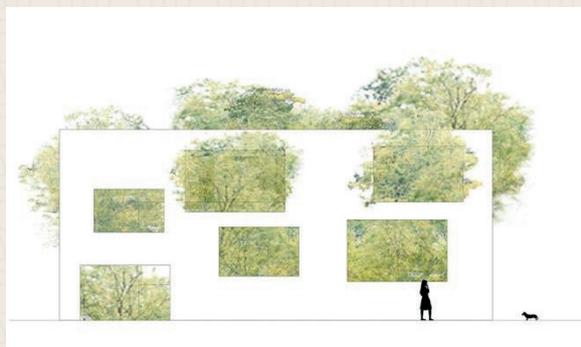


Figura 6. House N (2008). Fachada/desenho natural + artificial.
Fonte 6a: <https://www.flickr.com/photos/dmi-kruglyak/16351327945>.
Fonte 6b: <https://www.flickr.com/photos/dmi-kruglyak/16351334805>.
Autor: Дмитрий Кругляк (2015)

A "ambiguidade" também é um valor para Fujimoto. A partir dela o arquiteto tenta transcender a lógica binária que rege os opostos convencionais como público e privado ou interior e exterior. A aplicação dessa ideia resulta em projetos com limites que se doblam ou se multiplicam, pouco explicitando as divisões espaciais. Em projetos dessa ordem Fujimoto substitui o ângulo reto pela linha sinuosa, incerta. Um exemplo é a *Gunma House* (2005).

O significado de "recorrência" na obra de Fujimoto consiste numa cadeia repetitiva de escalas cada vez menores para formar uma totalidade. Fujimoto intensifica o emaranhado que constitui a forma. A ideia de recorrência é evidente em várias de suas obras, como na *House N* (2008), que consiste em caixas dentro de caixas, dentro de outra caixa.

A "complexidade" é cara para o arquiteto. No caso de Fujimoto ela tem pouco a ver com elaborações digitais de algoritmos e arquitetura generativa, pois ele é cético quanto a esse tipo de aproximação. No seu entendimento a complexidade implica uma ordem na qual não existe hierarquias, senão uma multiplicidade de interações locais. Um exemplo seria o Projeto Residencial Sumika (2008), que apresenta um jogo variável, composto pela soma aleatória de volumes brancos cúbicos empilhados e conectados por escadas. Uma espécie de topografia artificial para árvores.

Akihisa Hirata: algoritmos e formas naturais

Akihisa Hirata gradua-se pela Universidade de Kyoto e trabalha na Toyo Ito & Associates. Na empresa, participa da construção da Mediateca de Sendai (2001) e do projeto para a loja *Tod's* (2004). Ambos os projetos carregam os conceitos de aproximação entre arquitetura e natureza, marcantes na obra de Ito. Em 2005, Akihisa Hirata funda seu próprio estúdio em Tóquio.

3 1. Ninho ou caverna; 2. Notas sem pentagrama – a nova geometria; 3. Separação e conexão; 4. A cidade como casa a casa como cidade; 5. Um lugar parecido com uma árvore; 6. Nebulosa; 7. Guru-guru (espiral); 8. Jardim; 9. Antes da casa, da cidade e do bosque; 10. Antes do material e do espaço. In: WORRALL, Julian. The significance of Sou Fujimoto. 2G. Revista Internacional de Arquitetura, n. 50, Madrid: GG, 2009, p. 11.

A assimilação dos conceitos de Ito surge logo nos primeiros projetos de Hirata. Seu desejo é criar "uma arquitetura ecológica no mais puro sentido da palavra. 'Emaranhada' é o termo que prefiro" [22], diz o arquiteto. Para Hirata o edifício deve incorporar-se à biosfera. Para tanto, ele utiliza a matemática para romper as leis da natureza. Diferentemente de Fujimoto, muitos de seus projetos são baseados em algoritmos genéticos para revelar os princípios de crescimento das formas naturais. Os projetos *Architecture Farm* (2007-08) ou *Tree-ness House* (2009 - atual) são somente alguns dos exemplos de aplicação de algoritmos na arquitetura de Hirata. O resultado é a criação de espaços e objetos ambíguos e formalmente complexos.

O uso de "dobras, pregas e enredamentos" também é uma estratégia de Hirata para a produção de formas que entrelaçam "arquitetura e natureza, forma e função, esfera pública e esfera privada" [23]. Exemplos disso são os projetos *Masuya* (2007) e o *Bloomberg Pavilion* (2010-11) (Fig. 7). O primeiro, um *showroom* para máquinas agrícolas; o segundo, uma instalação ao ar livre para que jovens artistas e *performers* da cidade empreendam suas exposições individuais. A forma do pavilhão é derivada da estrutura de uma árvore e pretende fornecer sombra para a área imediata. A base para a forma geral é uma peça triangular que se desdobra no plano do telhado numa série de pregas.



Figura 7. Bloomberg Pavilion (2010-11). Fachada lateral/Interior. Fonte 7a: <https://www.flickr.com/photos/jacomejp/8950905974/in/album-72157633929226664/> Fonte 7b: <https://www.flickr.com/photos/132071240@N05/16699677543/in/photolist-rrGdJT> Autor: Jacome (2011).

Em 2012, a obra de Hirata figura na exposição "*Akihisa Hirata: Tangling*", na Architecture Foundation, em Londres. A mostra apresenta uma instalação imersiva, centenas de modelos de estudo e croquis, além de filmes e entrevistas ilustrando a visão do arquiteto de arquitetura e ecologia. No mesmo ano, Hirata é agraciado com o Gold Lion na Bienal de Arquitetura de Veneza por sua contribuição para o Pavilhão Japonês (2012), em associação com Naoya Hatakeyama, Kumiko Inui e Sou Fujimoto, e sob a supervisão de Toyo Ito.

Junya Ishigami: tradição e liberdade

Graduado pela Tokyo University of Arts, Junya Ishigami inicia sua carreira como arquiteto no escritório SANAA antes de abrir o próprio escritório Junya Ishigami + Associates, em 2004. Ele faz parte da mais nova geração de arquitetos japoneses que emergiram nos anos 2000, no rastro de Toyo Ito e Kazuyo Sejima. A arquitetura de Ishigami demonstra enorme capacidade de ruptura com as restrições da arquitetura tradicional e aproximação com a poética do sonho.

A originalidade de Ishigami é evidente em projetos de diferentes escalas. Entre os projetos de pequena escala, o mais conhecido é a *House with Plants* (2010-2012), com desenho minimalista para um casal jovem que resulta num edifício com amplas aberturas e piso coberto, em grande parte, por terra e vegetação. Ali estão presentes as "reminiscências da casa tradicional japonesa *doma* – um piso de terra existente no espaço para cozinhar e para guardar alimentos –, e do *niwa* – um termo que evoca a ideia de 'jardim' no contexto contemporâneo" [24]. Entre os projetos de escala mediana encontra-se o lar para idosos em Tohoku (2012). A inspiração de Ishigami para esse projeto é a técnica japonesa do *hikiya*, na qual as edificações são movidas de um lugar para o outro. Entre seus projetos de grande escala está o Kanagawa Institute of Technology (KAIT Workshop) (2008) (Fig. 8), edifício extremamente leve e transparente, desprovido de qualquer divisão interna e permitindo a franca continuidade entre interior e exterior.



Figura 8. Kanagawa Institute of Technology (2008). Fachada transparente/interior pilares.
Fonte 8a: <https://www.flickr.com/photos/desingel/8444483280>
Fonte 8b: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5c/KAIT_Workshop_Junya_Ishigami_internal_view.JPG.
Autor: Singel International Art (2010)

Para Ishigami o ambiente circundante integra cada um dos seus projetos arquitetônicos. A paisagem é constantemente incorporada ao trabalho, como no *Water Garden* (2013-2018) na floresta de Tochigi, no qual mais de trezentas árvores foram removidas e replantadas em um terreno vizinho. Ou no projeto *House and Restaurant Yamaguchi* (2013-atual), para um restaurante e residência de chef no sul do Japão, no qual o arquiteto perfura o solo e cria crateras preenchidas com concreto. Assim, a arquitetura de Ishigami dialoga com a natureza por meio da teoria, tecnologia e poesia.

Considerações finais

Enquanto a arquitetura individualista do sistema estelar de arquitetos era gradualmente atacada, florescia no Japão uma geração de arquitetos dotados de uma nova sensibilidade. Em 2016, a obra desse grupo seria exibida em uma das maiores instituições de arte do mundo, o MoMA, sob o título de *Japanese Constellation*. Uma constelação formada por estrelas individuais como Kazuyo Sejima, Ryue Nishizawa, Sou Fujimoto, Akihisa Hirata e Junya Ishigami, tendo Toyo Ito como mentor. Todos descendem de uma longa linhagem de grandes arquitetos japoneses, que estabeleceram trocas fecundas entre as concepções arquitetônicas ocidentais e orientais ao longo de décadas. Esse grupo de arquitetos, com uma única arquiteta entre eles, absorveu os impulsos vanguardistas protagonizados, sobretudo, pelos metabolistas nos anos 1960, que encontraram em Toyo Ito um potente difusor na contemporaneidade.

O contato com o repertório teórico e as obras de Toyo Ito e, em alguns casos, o aprendizado diário na Toyo Ito & Associates foram fundamentais para que esses jovens arquitetos criassem linguagens e visões próprias na Arquitetura. No início do século XXI, Toyo Ito, o SANAA e os arquitetos mais jovens questionaram exaustivamente as regras e as premissas da arquitetura convencional. Como resultado, criaram uma arquitetura altamente diversificada e ao mesmo tempo atravessada por pressupostos comuns, como o uso de teoria como base para criação, a constante experimentação e a atenção às relações entre arquitetura, cidade, cultura, natureza, pessoas e novas tecnologias. Pode-se dizer que cada um dos arquitetos da constelação contribuiu, à sua maneira, para a criação de um conjunto de posturas arquitetônicas consideradas um modelo importante para a arquitetura contemporânea. Desse modo, deixam seu legado e reafirmam o fascínio que a arquitetura japonesa sempre exerceu em todo o mundo.

Referências

1. JENCKS, Charles. The iconic building: the power of enigma. London: Francis Lincoln, 2005, p. 16.
2. WATKINS, Katie. Estariam os arquitetos-estrelas arruinando o skyline das cidades? Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/625339/estariam-os-arquitetos-estrelas-arruinando-o-skyline-das-cidades>. Acesso em: 31 de outubro de 2021.
3. GADANHO, Pedro. An influential lightness of being: thoughts on a constellation of Japanese architects. MOMA. A Japanese Constellation: Toyo Ito, Kazuyo Sejima, Ruye Nishizawa, Sou Fujimoto, Akihisha Hirata, Junya Ishigami. Modern Museum of Modern Art, New York, 2016, p. 16.
4. FRAMPTON, Kenneth. História crítica da arquitetura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2015, p. 259.
5. Id, 2015, p. 260.
6. BOGNAR, Botond. World cities: Tokyo. Great Britain: Academy Editions, 1997, p. 74.
7. HARVEY, David. Condição Pós-Moderna. São Paulo: Loyola, 1989, p. 76-77.
8. DOROTEO, Jean. Em foco: Shigeru Ban. Archdaily, 2016. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/792780/em-foco-shigeru-ban>, Acesso em: 29 de outubro de 2021.
9. WORRALL, Julian. The deep filed: resolving a Japanese constellation. MOMA. A Japanese Constellation: Toyo Ito, Kazuyo Sejima, Ruye Nishizawa, Sou Fujimoto, Akihisha Hirata, Junya Ishigami. Modern Museum of Modern Art, New York, 2016, p. 245.
10. DUCLOS, Ignacio Peydro. Contingency in postsituationist architecture. Universidad Politécnica de Madrid (dissertação de mestrado), 2016.
11. LOBÃO, Matilde Maria Mathias Cortez de. Sanaa: design process / essay from an internship. Técnico Lisboa, Dissertação de mestrado, 2016, p. 57.
12. LIBARDONI, Vinicius. "É como se eu habitasse os edifícios que estou projetando": entrevista com Toyo Ito. Archdaily. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/966938/e-como-se-eu-habitasse-os-edificios-que-estou-projetando-entrevista-com-toyo-i-to> Acesso em: 5 de novembro de 2021.

Referências

13. ITO, Toyo. A new architecture is possible only in the sea of consumption. In: MOMA. A Japanese constellation: Toyo Ito, Kazuyo Sejima, Ruye Nishizawa, Sou Fujimoto, Akihisha Hirata, Junya Ishigami. Modern Museum of Modern Art, New York, 2016, p. 12.
14. MONTANER, Maria Josep. Do diagrama às experiências rumo a uma arquitetura de ação. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2017, p. 67.
15. LOBÃO, Matilde Maria Mathias Cortez de. Sanaa: design process / essay from an internship. Técnico Lisboa, Dissertação de mestrado, 2016, p. 57.
16. Id, 2016, p. 61.
17. CORTÉS, Juan Antonio. Ligereza y espesor en la arquitectura contemporânea. Cuadernos de Proyectos Arquitectónicos. Madrid: ETSAV, 2010, p. 28-32.
18. FUJIMOTO, Sou. Futuro primitivo. Contemporary Architects Concept Series, p. 130-143.
19. WORRALL, Julian. The significance of Sou Fujimoto. 2G. Revista Internacional de Arquitectura, n. 50, Madrid: GG, 2009, p. 11.
20. Id, 2009, p. 12.
21. Id, 2009, p. 18.
22. MOMA. A Japanese constellation: Toyo Ito, Kazuyo Sejima, Ruye Nishizawa, Sou Fujimoto, Akihisha Hirata, Junya Ishigami. Modern Museum of Modern Art, New York, 2016, p. 195. 23. LABEDADE, Nadine. Akihisha Hirata architecture office. Disponível em: https://www.frac-centre.fr/_en/art-and-architecture-collection/hirata-architecture-office-akihisa-316.html?authID=360. Acesso em: 29 de outubro de 2021. 24. FONDATION CARTIER pour l'art contemporain. Junya Ishigami: Freeing Architecture (catálogo da exposição), 2018, p. 2.